

Mulheres Sertanejas: o protagonismo de uma líder e artesã no povoado Várzea Queimada em Jaicós-PI¹

Lana Krisna de Carvalho MORAIS²

Maria Aparecida Mota Da SILVA³

Tainara de Sousa COSTA⁴

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Picos, Piauí.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta o protagonismo da artesã Marcilene Barbosa, líder na associação de artesãs da zona rural de Jaicós-PI, tem como objetivo central analisar as memórias de mulheres sobre suas vidas e atuação social, buscando responder como se constrói o protagonismo feminino no sertão do Piauí? Faz parte de um projeto de pesquisa que busca compreender o lugar de fala da mulher, rompendo com o estigma do silenciamento feminino através da escrita sobre memórias. A metodologia fez uso pesquisa descritiva, abordagem qualitativa e tem como técnica a entrevista em profundidade. Por meio das falas da entrevistada foi possível observar o perfil de liderança informal, a partir da atuação à frente da associação de artesãs, cujo trabalho tem emancipado mulheres no sertão do Piauí, promovendo o sustento das famílias e inspirando novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo feminino; Memórias; Mulheres sertanejas.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história a mulher teve suas falas, memória e desejos silenciados, depois de lutas ocorreu a inserção no mercado de trabalho, mudanças no comportamento social, esta passou a ter maior visibilidade. Ainda assim, as marcas da sociedade patriarcal continuam atrelando o papel da mulher à figura masculina e no sertão piauiense não é diferente.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lana Krisna de Carvalho Morais é Jornalista, Mestre em Educação, professora e coordenadora do curso de Jornalismo no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, orientadora do projeto de pesquisa Memórias e Comunicação: protagonismo de mulheres no sertão do Piauí. E-mail: lanakrisna.lm@gmail.com

³ Maria Aparecida Mota da Silva é acadêmica do curso de Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, monitora do projeto de pesquisa Memórias e Comunicação: protagonismo de mulheres no sertão do Piauí. E-mail: smaparecidamota@outlook.com.

⁴ Tainara de Sousa Costa é acadêmica do curso de Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, monitora do projeto de pesquisa Memórias e Comunicação: protagonismo de mulheres no sertão do Piauí. E-mail: tainara91198@outlook.com.

Segundo Almeida (2015), a história mostra que as transformações ocorridas no decorrer do tempo moldam tanto as esferas públicas como privadas, atingindo lares, famílias onde há um bom funcionamento graças à figura feminina que garante como é de tradição responsabilidades nos afazeres domésticos e educação dos filhos.

Tendo em vista o contexto mencionado, este artigo integra a produção do projeto “Memórias e Comunicação: protagonismo de mulheres no sertão do Piauí” e parte-se do seguinte problema: como se constrói o protagonismo feminino no sertão do Piauí? Tem como objetivo geral analisar as memórias de mulheres sobre suas vidas e protagonismo social no sertão do Piauí, de forma mais específica foi necessário delimitar os objetivos para fonte entrevistada Marcilene Barbosa, que é mulher, mãe, artesã, administradora e líder na Associação de Mulheres de Várzea Queimada, povoado que está localizado na zona rural do município de Jaicós-PI, distante 352 quilômetros da capital Teresina-PI. Foi possível delimitar os seguintes objetivos específicos: mostrar a liderança de uma líder comunitária de Jaicós-Pi, entender como a artesã se posiciona e luta contra o preconceito, analisar como a vida dela serve de inspiração para outras mulheres e fomentar a prática de futuras pesquisas acerca desta temática, justificando-se diante da contribuição para a preservação da memória feminina no sertão piauiense.

A Associação de Mulheres de Várzea Queimada conta com um espaço chamado Toca das Possibilidades, onde as associadas produzem as peças artesanais a base da palha de Canaúna, fibra de Caroá e pneu.

No passado as artesãs trabalhavam individualmente e a produção era pouco reconhecida na feira pública de Jaicós, foi a partir da articulação em rede e formação de uma associação de mulheres que os produtos passaram por valorização, tendo culminância com o projeto A Gente Transforma, que deu visibilidade internacional para o artesanato feito pelas artesãs piauienses (MORAIS, 2019, p. 03).

A partir do projeto realizado pelo designer Marcelo Rosenbaum, as artesãs se articularam na associação e passaram a produzir as peças fazendo uso dos aprendizados herdados de suas mães, mas atendendo os padrões de qualidade do mercado nacional e internacional. Atualmente as peças são vendidas e apresentadas em grandes feiras de artesanato, estampam páginas de revistas renomadas no segmento e garantem o sustento e emancipação financeira das mulheres que atuam na produção (MORAIS, 2019).

Sobre os caminhos metodológicos percorridos para a realização deste trabalho foi escolhida pesquisa descritiva, que consiste em observar os fatos, os registros,

análises, classificações e interpretações sem a intervenção direta do pesquisador sobre esses. De acordo com Oliveira (2011, p. 55) “a pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise aprofundada do problema de pesquisa em relação a aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos e comunidades”. A abordagem utilizada foi a qualitativa, visto que tem o meio social como fonte direta de dados e o pesquisador como elemento essencial no avanço da pesquisa. No que se refere ao processo de coletas de dados, o estudo definiu-se como pesquisa historiográfica, tendo a entrevista em profundidade na qualidade de técnica qualitativa para adentrar o “assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências” (DUARTE, 2009, p.62). A escolha da fonte foi feita pela a representatividade no espaço estudado e não por representatividade estatística. Por isso a seleção “está ligada à capacidade de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema da pesquisa” (DUARTE, 2009, p.68). Para alcançar os objetivos propostos na fase inicial do projeto foram entrevistadas três mulheres “anônimas” e ao mesmo tempo protagonistas nos seus espaços de convivência, para construção deste artigo apresentamos as análises extraídas a partir da entrevista com a artesã Marcilene Barbosa, de 43 anos, foi realizada no dia 20 de junho de 2019 na comunidade Várzea Queimada. Marcilene é uma das três mulheres cujo protagonismo será apresentado com a produção científica e jornalística do projeto “Memórias e Comunicação: protagonismo de mulheres no sertão do Piauí” do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá.

1. SILENCIAMENTO E MEMÓRIAS FEMININAS

Narrar as memórias de mulheres destacando seu perfil de liderança no contexto atual é também dar espaço e voz a personagens que ao longo de séculos foram silenciadas nas páginas de livros e até mesmo na pesquisa acadêmica. Reconstruir a história feminina dando destaque ao papel que a mulher exerce é fundamental para uma nova ótica sobre a realidade.

Quando falamos na construção das narrativas femininas na história, devemos pautar à necessidade de se historicizar os conceitos e categorias analíticas que nos foi delegado pelas narrativas tradicionais, levando-nos a enfrentar o desafio de captar as transições dos modelos interpretativos da história e alimentando uma nova experiência social crítica frente à presença de paradigmas culturais vinculados à masculinidade hegemônica, (TEDESCHI, 2015, p.200).

Segundo Tedeschi (2015) ao contar sua própria história e de suas antepassadas, as mulheres permitem entender suas origens, suas crenças, cultura, valores entre outras, além das práticas de lideranças em associações, religião, comunidade rompendo com o estigma do silêncio acerca do seu personagem.

Seguindo essa linha de pensamento, percebe-se que a mulher enquanto considerada o segundo sexo, no contexto em que viveu e vive assume um papel importante de liderança dentro de seus lares, na comunidade, nas suas lutas diárias para acabar com o machismo historicamente disseminado na sociedade. Dessa forma “apurar histórias de mulheres é ir ao encontro de discursos e silêncios, enxergar protagonistas onde se aprendeu a ver coadjuvantes. Contar essas histórias é reconhecer que as mulheres têm uma história, que elas protagonizam a própria vida e que são múltiplas” (ALMEIDA, 2015, p.10).

Estudar a história de mulheres sertanejas do sertão do Piauí ajuda na desconstrução dessa imagem distorcida sobre o sexo feminino com o passar dos anos, ao passo que dar voz às memórias e história de vida contribui diretamente para o rompimento do silêncio feminino, como explica Tedeschi:

A história das mulheres contribui para narrativa e a revelação de uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento. Durante muito tempo, escrita e o saber estiveram – e ainda, continuam – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentassem ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista, (TEDESCHI, 2015, p. 202).

A história das mulheres está relacionada à oralidade por circunstâncias impostas pelos valores sociais correntes na sociedade, visto que, não havia registro escrito de suas histórias por conta da omissão de suas memórias (SALVATICI, 2005). Assim, a história das mulheres era subjugada em relação às memórias dos homens, visto que não estavam documentadas e se não estava documentada, é como se não existissem.

“Quem conta uma história, faz necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista” (SILVA; BARROS, 2010, p. 69), assim fica possível salientar que trabalhar com as memórias femininas é

construir novos lugares de fala, apresentar nova vertente sobre história que havia sido tomada sem consentimento.

Conforme Silva e Barros (2010), afirmam que histórias contadas nunca se encerram por um todo, pois uma dá lugar à outra, ocorre uma motivação recíproca, promovendo um movimento sem fim, deixando desejos e novas vertentes para futuras pesquisas. De acordo com Bárbara Figueiredo Souto (2011) na sociedade brasileira oitocentista havia uma diferenciação sexual nos ambientes sociais em que os homens frequentavam lugares que mulheres não frequentavam, eles estavam o espaço público em que a vida social ocorria, já para elas, era destinado o espaço privado do lar e suas obrigações como mulher, mãe e esposa.

Para desconstruir esse mito, os estudos arqueológicos foram e são de suma importância, já que revelam que na sociedade primitiva as mulheres possuíam mais independência do que as da sociedade patriarcal atual. Segundo Reed (2008):

O descobrimento de que as mulheres nem sempre foram consideradas como o “segundo sexo”, relegadas a um estado de inferioridade, senão que, ao contrário, desfrutaram de uma imensa capacidade criativa, social e cultural, continha implicações perigosamente “subversivas”: ameaçava minar a supremacia, tanto do homem como do capitalismo. Porque, se era verdade que o sexo feminino tinha tido uma participação fundamental na sociedade comunitária primitiva, por que não iria poder fazer o mesmo na reconstrução das relações sociais, em um nível histórico mais elevado? (REED, 2008, p.16-17).

Dessa forma, a autora explica quão essencial era o papel da mulher na sociedade primitiva, isso se deve ao exercício de reconstrução de suas memórias. Para Almeida (2015) pesquisar a história feminina vai colocar as mulheres como protagonistas de suas múltiplas histórias, já que terão conhecimento sobre seu passado e irão entender a relação entre discurso e silêncio ao longo de suas vidas. De acordo com Reed (2018, p.18) “Ao conformar nosso presente e nosso futuro, teremos que reconstruir também nosso passado, por difícil que possa ser”.

Tendo como base esta discussão, é válido ressaltar como a cultura tem sido importante para entender e verificar as mudanças que ocorreram no decorrer da história da sociedade, em especial das mulheres, nota-se que identificar o protagonismo a partir de mulheres no sertão do Piauí é desafiador, ao ponto que tirar essas memórias do silêncio é contribuir, Perrot, (2007, p.16) diz que “escrever a história de mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”. Apresentar essas histórias de protagonismo feminino tirá-las do anonimato, e contribuir para o fortalecimento das

lutas, pois a mulher quando conhece o contexto onde está inserida pode transformar sua realidade, desenvolvendo práticas que auxiliem no crescimento pessoal e da comunidade onde vive.

2. O PROTAGONISMO DE UMA ARTESÃ NO SERTÃO

Liderar uma associação de mulheres artesãs na zona rural do sertão piauiense não é tarefa fácil, principalmente quando se trata da principal fonte mantenedora para as associadas, bem como por entender que a profissionalização da arte promoveu a emancipação de um grupo de mulheres no sertão do Piauí, alterando o status único de mães e donas de casa, para empreendedoras sustentáveis.

Neste cenário, apresentar as memórias da artesã Marcilene Barbosa é também dar novos significados ao papel que a mulher vem desempenhando longe dos grandes centros, suas lutas, protagonismo e astúcia para superar o preconceito. Tatau Godinho (2016) afirma que entender os espaços que o registro de sua produção ocupa é garimpar sua presença em lugares não pensados e redimensionar sua contribuição para cada área do conhecimento. Logo, entende-se que a mulher sempre esteve em movimento, trabalhando, liderando, sobrevivendo e criando novas circunstâncias para suas comunidades, no entanto, pouco foi registrado, em especial no sertão piauiense.

A mulher escolhida como fonte para este recorte da pesquisa foi Marcilene Barbosa, de 43 anos, que exerce protagonismo como mãe, mulher, artesã, líder e administradora da Associação de Mulheres de Várzea Queimada. A artesã nasceu e na própria comunidade rural, povoado Várzea Queimada a 27 km da cidade de Jaicós-PI, tornou-se conhecido nacionalmente e internacionalmente pelo trabalho com artesanato na palha de carnaúba e borracha de pneu. Filha de José Rufino Barbosa e Luísa Josefa Barbosa, ela conta que teve 10 irmãos e que teve uma infância e adolescência feliz, apesar das dificuldades.

Em meio a tantas dificuldades, Marcilene Barbosa sempre foi dedicada aos estudos e conseguiu concluir o ensino médio, uma vitória se levado em conta que o Piauí tem o segundo maior índice do país de analfabetismo em grupos acima dos 15 anos (IBGE, 2017). A artesã recorda que a primeira fase do ensino fundamental foi feita na própria comunidade rural, a segunda fase do ensino fundamental e início do ensino médio na cidade de Jaicós e a finalização do ensino médio na Escola Normal Oficial de Picos (ENOP).

Eu sempre quis estudar, para estudar eu tive várias dificuldades financeiras, estadia para ficar... Quando fiz o meu ginásio, a gente saía 11 h de casa e tinha dia que a gente chegava meia noite. Trabalhava na roça, depois chegava, tomava banho, comia às pressas para poder ir ao colégio (BARBOSA, 2019).

No período em que morou em Picos para estudar foi para a casa de sua tia, na época estudava e trabalhava em casa de família. Marcilene disse que se vê como inspiração para a sua filha, e que a incentiva a estudar “Incentivo é o objetivo que a gente tem que dar. A educação é necessária em todos os setores, não tem como não pensar na educação” (BARBOSA, 2019).

A artesã conta criou a filha sozinha com a ajuda apenas da sua família e se declara como mãe solteira. Ao longo da entrevista relata que sua filha está sendo educada para o futuro e para a sociedade, também manifesta o desejo de vê-la dando continuidade ao seu trabalho “a esperança é que no futuro a gente possa viver disso, apesar dela está querendo outra área, que é a da saúde. Ela também trabalha junto comigo” (BARBOSA, 2019).

Sobre o trabalho como artesã recorda que começou aos 7 anos de idade junto com a sua mãe. Segundo Marcilene, ela não se candidatou para ser administradora, mas surgiu a necessidade de alguém para dar suporte às mulheres e seu nome foi ganhando destaque de forma espontânea:

Eu comecei na associação apenas como integrante, a partir do momento que nosso trabalho foi desenvolvendo, os nossos produtos foram escoando, a associação foi crescendo e chegando novos designers, eu fiquei na função de administradora. Então desde o início até hoje, permaneço como administradora (BARBOSA, 2019).

Com relação ao trabalho e ter a liberdade de pensamento e independência, a artesã explica que a expansão da associação promoveu o empoderamento das mulheres participantes, permitindo maior liberdade, pois já não estavam mais vinculadas ao poder econômico de seus parceiros:

A partir do momento em que você não depende de terceiros, você depende de seu trabalho e do próprio esforço, é claro que sim. Em todos os aspectos eu sou independente. Não dependo de outras pessoas eu dependo do meu trabalho, isso empodera não só a mim, mas também a outras mulheres (BARBOSA, 2019).

Segundo Marcilene, ela se considera uma inspiração para outras mulheres desejarem ter mais independência. Também ressalta a mudança que ocorreu com os maridos que antes não deixavam suas mulheres trabalharem na associação.

Hoje eu vejo que o meu trabalho, a minha função, proporcionam para outras mulheres independência e libertação, libertação até da convivência de marido e mulher. Tinha várias que tinham dificuldades até de estar trabalhando por problemas com os maridos que não aceitavam que elas convivessem socialmente com outras mulheres. Hoje se a gente parar para pensar e analisar a vida de algumas parceiras da gente que trabalhavam há 8 anos atrás, nós vemos que hoje não só os maridos aceitaram, como eles também colaboram e ajudam (BARBOSA, 2019).

Neste sentido, é possível observar que a coragem dessas artesãs ao se organizarem numa associação, algumas colocando-se contra as regras impostas por seus companheiros, promoveu uma revolução no sertão piauiense, visto que as couraças do patriarcalismo começam a se romper quando os próprios maridos passam a enxergar o papel desempenhado por suas esposas, passando inclusive a colaborar com a associação. A mulher passa a ter sua própria renda, a contribuir com as despesas do lar.

A artesã se considera uma mulher determinada por estar sempre buscando sempre melhores condições para o grupo, também destaca sua forma de pensar positivo sobre as circunstâncias da vida e que por isso acaba assumindo o papel de referência para outras mulheres:

Eu sempre estou buscando o impossível, então pela minha forma de agir positivamente, eu sempre penso positivo apesar de todas as dificuldades, acho que isso faz com que as outras me vejam e me sigam como exemplo. Não é me auto elogiando, mas acho que eu sou o ponto forte. Elas estão sempre depositando confiança em mim. Acho que é isso, a confiança e determinação, porque eu nunca digo ‘ não vou conseguir ou isso não vai dar certo’, eu sempre digo ‘vamos tentar’ (BARBOSA, 2019).

A confiança depositada na líder fortalece o elo entre as artesãs e automaticamente os fios que tecem esta rede de mulheres, promovendo mudanças culturais dentro da comunidade. Sobre ser uma líder forte entre as mulheres Marcilene ressalta que por conta de suas atitudes as mulheres da associação passaram por uma mudança comportamental e não aceitam serem impedidas de realizar suas atividades, como ocorria no passado.

Assim, o processo de conquista de autonomia das mulheres lideradas por Marcilene faz referência ao que Tatau Godinho (2016) discorria sobre essa quebra de estigmas. Segundo Godinho, a produção feminina sempre remete a movimentos de quebras que são fundamentais na vida das mulheres. Esta mudança de paradigmas nem sempre ocorrer de maneira fácil para as artesãs, visto que necessariamente precisarão romper com limites que historicamente impostos, validados pela sociedade machista e patriarcal. Por isso, para fazerem parte da associação e terem autonomia, as mulheres precisaram que superar desafios, como o de contradizer os próprios maridos.

Quando questionada sobre preconceito pelo trabalho desenvolvido, a artesã falou que por trabalhar exclusivamente com mulheres não tinha passado por esta situação no espaço de produção. No entanto, quando questionada sobre as dificuldades que enfrentava por ser mulher houve uma pausa na fala de Marcilene:

Na vida, no geral a gente têm sempre desafios, não sei nem te explicar. São tantos desafios que eu encaro com naturalidade como se... eu não me vejo como mulher, eu me vejo como capaz de enfrentar obstáculos. ‘Eu sou mulher e não estou adequada à determinada atividade’ ou ‘não posso fazer isso porque sou mulher’, até o momento eu nunca me vi nessa situação. Eu me vejo sempre como alguém que busca seus objetivos e ideais, eu corro atrás eu não ponho esse obstáculo. Para mim é um ponto favorável, porque se eu me podasse como mulher, eu não iria desenvolver certas atividades (BARBOSA, 2019).

Por meio dessa fala, é possível observar que Marcilene para enfrentar os desafios cotidianos se coloca com alguém além do seu gênero, ultrapassando a visão limitada, e ainda vigente em alguns espaços, sobre o que é ser mulher na sociedade. Simone Beauvoir afirma que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, p.30 apud ALMEIDA 2015, p.23), dentro da realidade das artesãs, ser e tornar-se mulher requer coragem e astúcia para desatar as amarras do preconceito e estigmas sociais sobre o lugar de fala e de atuação da mulher. De acordo com a artesã sua escolha é ser uma mulher fora do padrão que a sociedade criou. Marcilene se enxerga como uma mulher capaz e apta para enfrentar desafios, especialmente aqueles que a sociedade atribui ao perfil ou às características masculinas.

Marcilene relatou que nunca foi barrada de forma direta de fazer algo por ser mulher, mas já viveu situações em que homens e políticos quiseram ditar regras para ela, no entanto, se opôs.

Diante do fato e do pouco conhecimento a gente tem o direito de dizer não e revidar isso. Já aconteceu sim, pessoas quererem me impedir de estar na liderança. Isso veio de homens e políticos. Eu tenho uma batalha política não pelo fato de ser mulher, são outras questões. Na associação já se uniram vários homens chegaram ao ponto de desenvolverem uma ata me tirando da administração para que eu ficasse apenas como secretária, um cargo bem sem relevância, era uma forma de me excluir de lá. Mas eu reivindiquei, bati o pé e disse que não era daquela forma, não cabia a terceiros que não eram da associação e nem fazia parte da comunidade decidir. Foi aí que eu descobri algo que nem eu mesma conhecia, a determinação de bater de frente com alguém com nível social e poder aquisitivo maior que o meu (BARBOSA, 2019).

Sobre as tentativas masculinas em destituí-la da função de liderança, a entrevistada explica que isso acontece pelo fato de alguns membros da comunidade Várzea Queimada considerarem os seus pensamentos ‘perigosos’ e capazes de induzir outras mulheres à mudança de pensamento. “Talvez seja o fato de que eu sou um tipo de pessoa que não me deixo ser manipulada por outras, talvez isso continua na cabeça de alguém que eu possa estar induzindo pessoas no campo político a seguir o meu pensamento e não o deles” (BARBOSA, 2019). Para a artesã a mulher tem um papel importante na sociedade e deve lutar por posições iguais às dos homens:

A mulher na sociedade tem um papel importantíssimo e acho que além de se destacar e de ter essa capacidade, nós mulheres devemos lutar para ter um posicionamento igual ao dos homens, porque nós temos a mesma capacidade que eles de estar desenvolvendo trabalho social, familiar e toda a responsabilidade. Eu como mulher, mãe e pai ao mesmo tempo, eu posso dizer que a mulher é capaz sim de ter o mesmo respeito o mesmo valor que o homem (BARBOSA, 2019).

Muito além de uma líder informal, administradora da associação de artesãs, Marcilene apresenta-se como uma mulher forte, destemida e protagonista da sua própria vida como mulher, mãe, líder e atuando como referência para outras mulheres da comunidade Várzea Queimada, desenvolvendo tanto o trabalho emancipador, quando político sobre o lugar de fala da mulher sertaneja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas de Marcilene Barbosa descontrolam o papel da mulher sertaneja coadjuvante à ação masculina, aqui as funções se invertem, respondendo ao problema central, onde sua atuação enquanto protagonista perpassa pela função de mãe e dona de casa, tornando-se uma referência para outras mulheres, tecendo uma rede de trabalho e confiança em pleno sertão piauiense, onde mulheres artesãs emancipam-se a partir da

arte passada de geração em geração, e ao mesmo tempo começam o processo de ruptura com as regras e costumes impostos pela comunidade, especialmente por seus companheiros, sobre o papel que a mulher deveria exercer no leito familiar e na vida em sociedade.

A artesã exerce seu protagonismo se colocando além do que a sociedade lhe impõe, lutando por seus direitos e indo ao embate com pessoas poderosas. Além dos títulos dados pela sociedade de mãe, dona de casa, mulher solteira, Marcilene é uma mulher de negócios que luta não apenas pela sua autonomia, mas também pelo crescimento do grupo ao qual pertence. Para atingir tal autonomia e liberdade, ela resistiu e ainda resiste ao sistema autoritário do machismo, não aceitando as imposições de homens ou políticos e se reconhecendo como capaz de estar exercendo sua função.

O posicionamento firme e determinado da artesã se torna inspiração para outras mulheres da comunidade Várzea Queimada, que passam a resistir às imposições de pessoas externas ao grupo, como seus próprios maridos, políticos e outros homens.

Analisando as falas e memórias femininas a partir da realização das entrevistas para o projeto, observa-se um movimento de libertação de mulheres quando essas entram em contato com histórias de outras mulheres, pontes são construídas e redes de apoio passam a surgir, o que reforça a necessidade de se pesquisar sobre perfil o protagonismo feminino no sertão piauiense, pois as mulheres foram silenciadas, mas isso não quer dizer que não estavam promovendo revoluções.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diélen dos Reis Borges. **Memórias de Mulheres**: Livro-reportagem com perfis biográficos de femininos múltiplos, 2015. Relatório Técnico-científico. Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

BARBOSA, Macilene. **Entrevista Oral**. Realizada em 20 de junho de 2019.

DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

GODINHO, Tatau. Mulheres brasileiras: reinventando a vida, a história, a cultura. In: _____. ASSIS, M.E.A.; SANTOS, T. V. (Org). **Memória feminina: mulheres na história, história das mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2016. P.15-23.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em 07 de julho de 2019.

MORAIS, Lana Krisna de Carvalho *et.al.* **Redes no Sertão: Mulheres que Tecem a Vida a Partir da Arte**. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0464-1.pdf>. Acesso em 07 de julho de 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História. São Paulo, n. 18, p. 9-18, 1989

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Proposta Editoria, 2008.

SALVATICI, Sílvia. **Memória de gênero**: reflexões sobre a história oral das mulheres. História Oral, v.8, n.1, p.29-42, jan.-jun. 2005.

SILVA, M.A. et al. **Redes no Sertão**: Mulheres eu tecem a vida a partir da arte.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

SOUTO, Barbara Figueiredo. **Feminismo Tipográfico**: mulheres em luta na segunda metade do século XIX. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Gênero e historiografia**: os fios da Memória Feminina nos Labirintos da História. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia-MG. V. 28, n. 2- Jul/dez.2015.